



Kellen da Silva Coelho¹

kcoelho@univali.br

Eloise Helena Livramento Dellagnelo²

eloise@cse.ufsc.br

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS NA ÁREA DA ADMINISTRAÇÃO

Muitas teorias científicas abdicaram da pretensa concepção de totalidade e completude, e se remeteram a um diálogo interdisciplinar, que aproxima os saberes específicos, oriundos dos diversos campos do conhecimento, em uma fala compreensível, audível aos diversos interlocutores (JAPIASSU, 1996). Segundo esse autor, já não há o intuito, por parte de muitos estudiosos, de absolutizar um conhecimento hegemônico, mas sim de se estabelecer conexões que auxiliem em uma maior compreensão epistemológica, acerca dos mais diversos objetos de estudo. Observa-se também na área da administração, o reconhecimento dos limites de conhecimentos circunscritos a seu próprio campo, assim, novas aproximações com outros saberes começam a acontecer. Nas discussões acerca das novas formas organizacionais, por exemplo, constata-se o recente interesse pelas teorias e práticas próprias dos movimentos sociais. Da mesma forma, as teorias dos movimentos sociais, segundo Fernandes (2001), carecem de um diálogo significativo com outros campos disciplinares e como os movimentos sociais se formam nos alicerces da organização social, acredita que a teoria das organizações também possa contribuir, significativamente, para a abordagem dos referidos fenômenos. Ressalta-se, contudo, que a dimensão organizacional dos movimentos sociais possui suas particularidades e ao serem estabelecidas aproximações entre as suas teorias e a teoria das organizações, há que se alertar para o fato de que as categorias de análise tradicionais nos estudos organizacionais, como: divisão de trabalho, hierarquia, linhas de comando etc (MISOCZKI, FLORES E BÖHM, 2008) podem propiciar uma visão míope e reducionista deste processo de aproximação entre as teorias. Assim sendo, acredita-se que para que haja uma contribuição recíproca entre os dois campos de conhecimento é interessante realizar uma análise epistemológica acerca do que se tem discutido sobre movimentos sociais na área da Administração. Mais do que identificar se os fenômenos apresentados seguem um paradigma funcionalista ou crítico, aspecto que também merece atenção, há que se considerar a gênese da construção do conhecimento nesta esfera, as teorias e as escolas que têm influenciado a produção do conhecimento sobre movimentos sociais. Diversos estudiosos designam formas bastante variadas de taxonomia das teorias sobre movimentos sociais (MISOCZKI, FLORES e SILVA, 2008, TOURAINE, 2007; GOHN, 2006; DELLA PORTA e DIANI, 2006). Muitos, como Gohn (2006), abordam o critério territorial geográfico para a definição destes paradigmas, os quais consistem em: norte-americano, europeu e latino-americano. Por permitir uma clara delimitação dos estudos realizados, na medida em que valoriza as diferentes realidades nacionais influenciadas por hábitos culturais, esta classificação foi adotada neste estudo. O paradigma norte-americano, por exemplo, enfatiza as estruturas das organizações dos sistemas sóciopolítico e econômico; ele é constituído de teorias clássicas e teorias contemporâneas sobre movimentos

¹ Doutorando no CPGA/UFSC

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

sociais. A abordagem clássica predominou até os anos sessenta e se caracterizou de forma heterogênea, o que levou Gohn (2006) a citar cinco grandes linhas: a Escola de Chicago; as teorias sobre as sociedades de massas; a teoria sociopolítica; a teoria do comportamento coletivo sob a óptica do funcionalismo e a organizacional-institucional. A *Escola de Chicago* baseava-se na concepção de uma orientação reformista, rumo a uma sociedade harmoniosa, onde a interação entre indivíduo e sociedade era o foco principal das discussões. A *teoria da sociedade de massas* entendia o comportamento coletivo como resultado desordenado de participantes desconectados das relações em ações normais e tradicionais. Já a terceira corrente, a *teoria sociopolítica*, enfatizava as variáveis políticas, ou seja, o poder político dos grupos, os conflitos inerentes a processos de mudança etc. A quarta corrente, correspondente à teoria do comportamento coletivo sob a óptica do funcionalismo, é uma combinação da Escola de Chicago com a teoria da ação social de Parsons. Ela adota uma lógica utilitarista, com uma orientação normativa instrumental. Por fim, na quinta corrente de teorias clássicas norte-americanas, autores como Selznick (1952) e Gusfield (1955) tratam das teorias organizacionais-comportamentais, focando aspectos relacionados ao comportamento coletivo agrupado em organizações com objetivos específicos. Esta corrente induziu a produção de conhecimento sobre a mobilização de recursos, que se configura como uma teoria contemporânea. As teorias contemporâneas são representadas pela teoria da Mobilização de Recursos e pela teoria de Mobilização Política (MP) ou das oportunidades políticas, como era também conhecida. A teoria da Mobilização de Recursos tem como foco principal a acessibilidade de recursos: humanos, financeiros e de infra-estrutura que permitam a viabilidade do movimento social; e a teoria da Mobilização Política enfatiza as interações e distribuições no âmbito dos movimentos sociais. O paradigma europeu engloba duas linhas de abordagem: uma neomarxista e outra culturalista-acionista, que ficou conhecida como Novos Movimentos Sociais (NMS). Ambas também são subdivididas, não existe uma homogeneidade explícita, contudo a perspectiva que geralmente se sobressai na literatura é a última (NMS). Seu modelo teórico se baseia na transformação cultural dos movimentos sociais, cujos atores passam a comportar novas dimensões de identidade. Por fim, a abordagem latino-americana comporta as particularidades de lutas deste contexto geográfico, em função de um passado colonial e uma ampla diversidade nos seus movimentos sociais. Foweraker (1995) comenta que, como há pouca teorização sobre essa realidade torna-se difícil designá-lo como um paradigma propriamente dito, mas segundo Gohn (2006), há motivos para assim o fazer, para fins de delimitação analítica. Com o objetivo de analisar, epistemologicamente, as discussões realizadas no âmbito da Administração sobre movimentos sociais, levantaram-se os trabalhos apresentados na última década nos três eventos da ANPAD: ENANPAD, ENEO e ENAPG, que comportassem as palavras-chave: “movimento” e “mobilização”. Após essa busca e análise dos resumos, foram excluídos os artigos que não tivessem relação direta com o assunto em questão. Assim, foram analisados 20 artigos: 8 do ENANPAD, 7 do ENEO e 5 do ENAPG. Observou-se que a maioria dos artigos publicados no ENANPAD e no ENEO segue o paradigma europeu, no ENAPG predominou o norte-americano, o que talvez se deva à forte influência que a Administração Pública no Brasil tem do legado teórico dos EUA. Aspecto que chama a atenção é que apenas dois trabalhos adotam um paradigma latino-americano. Talvez o fato esteja relacionado aos argumentos de Foweraker (1995), acerca da pouca teorização sobre esta realidade.

PALAVRAS-CHAVE: movimentos sociais, organizações; paradigmas.

REFERÊNCIAS

Della Porta, D; Diani, M. **Social movements: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FOWERAKER, J. **Theorizing social movements**. Colorado: Pluto Press, 1995.

GOHN, M. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GUSFIELD, J.R. Social structure and moral reform: a study of the woman's Christian Temperance Union. **American Journal of Sociology**. 1955, n.61, p.21.

JAPIASSU, H. **A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional**. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

MISOCZKI, M.C; FLORES, R.K; SILVA, S.M.G. Estudos organizacionais e movimentos sociais: o que sabemos? Para onde vamos? **Cadernos EBAPE. BR**, v. 6, nº 3, set. 2008.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 3ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SELZINIK, P. **The organizational weapons**. Nova York: McGraw-Hill, 1952.